Traços apocalípticos em Ezequiel 38–39

Ludovico Garmus

Introdução

A estruturação do livro de Ezequiel segue um modelo parecido com a do livro do Primeiro Isaías (Is 1–39) e de Jeremias: profecias sobre a destruição de Jerusalém (Ez 4–24), oráculos contra as nações (Ez 25–32) e salvação para Israel (Ez 33–37) + visão do novo Israel restaurado (Ez 40–48). Interrompendo esta última seqüência de oráculos de salvação, aparecem os caps. 38–39. Aparentemente formam um texto intruso e destoante dos capítulos que os precedem e os seguem. Trata-se do anúncio das ameaças de Gog, o "inimigo do Norte", "contra um povo recolhido do meio das nações", que vive tranqüilo nas montanhas de Israel.

Quem é esse Gog, que vem do país de Magog (Ez 38,2), situado no extremo norte (38,6.15), mas será aniquilado nas montanhas de Israel? A tradição do inimigo do Norte vem de Jeremias (Jr 6,22), identificado pelo profeta com o rei de Babilônia (Jr 36,29). A idéia de que o inimigo invasor será aniquilado "nas montanhas de Israel" (38,8; 39,2.17) parece provir de Isaías: "Esmagarei a Assíria no meu país e a pisarei sobre minhas montanhas" (Is 14,25). Também para Ezequiel as "montanhas de Israel", cobiçadas pelos inimigos, são as terras de Israel e Judá, onde mora Javé (Ez 35,10-13). A essas montanhas Ezequiel havia anunciado o juízo divino, no dia do Senhor (Ez 6–7). Uma vez realizado o julgamento sobre Israel, a essas "montanhas de Israel" o profeta anuncia também a restauração (Ez 36,1-15). Esta esperança escatológica parece estar ameaçada novamente por Gog, o inimigo que vem do norte.

Mas qual é a origem dos nomes de Gog e Magog? Em 1Cr 5,4 aparece um rubenita com o nome de Gog. Magog é um nome que ocorre na tradição sacerdotal em Gn 10,2 e 1Cr 1,5, indicando provavelmente a região da Lídia. Alguns autores querem identificar Gog com o rei Gyges da Lídia, mencionado nos textos assírios de Assurbanipal como *gûgu*. Da mesma forma, os nomes de Mosoc, Tubal (Ez 38,2), Gomer e Togorma (Ez 38,6), que representam os descendentes de Jafé (Gn 10,2-3) e acompanham Gog, parecem estar relacionados com a região da Lídia. Contudo, o nome de Gog parece servir como um nome cifrado para indicar um grande e legendário governante, representando diversas potências do norte do mundo de então e, como tal, seria um exemplo típico do que poderia ser o tal "inimigo do Norte" de que fala Jeremias[1].

1. ZIMMERLI, Walter. *Ezechiel*. Biblischer Kommentar – Altes Testament XIII/2. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1969, p. 939-945.

Contudo, Ez 38–39 tem sido objeto de muitas discussões e de soluções divergentes. No presente estudo, acompanhando estas discussões, queremos esclarecer a origem do texto, o seu possível gênero apocalíptico ou proto-apocalíptico, identificar o grupo social que o produziu e determinar sua função no contexto do livro de Ezequiel.

Inicialmente tentaremos esclarecer e distinguir textos escatológicos de textos apocalípticos. Basicamente podemos dizer que textos proféticos escatológicos são aqueles em que o profeta, ou seus discípulos, anunciam a esperança de uma intervenção salvífica de Javé, favorável ao povo de Israel e punitiva para os inimigos. Os textos apocalípticos frisam mais a origem divina de uma revelação e se caracterizam pelas técnicas literárias e imagens usadas. Logo abaixo, na discussão sobre o que seja escatologia e apocalíptica, os conceitos ficarão mais claros.

Escatologia e apocalíptica

Vicente Collado Bertomeu, no seu estudo literário comparativo das escatologias dos profetas[2], trata Ez 38–39 como escatológico, ao lado de outros textos que considera escatológicos[3]. O autor conclui que "as escatologias dos profetas não são oráculos diretos pronunciados em ocasiões determinadas, diante de uma grande assembléia, nem dirigidos contra uma pessoa ou um grupo de pessoas. São antes peças literárias elaboradas à mesa de um escritório e que foram acumulando diversos elementos escatológicos para oferecer ao leitor um quadro completo do drama final" (p. 272). Ao final de seu estudo (p. 289-331), Bertomeu reúne numa série de tabelas os resultados da pesquisa das escatologias dos textos proféticos analisados. Em Ez 38–39 aparecem os seguintes temas, comuns também aos outros textos analisados: intervenção de Javé (Ez 38,3; 38,18; 39,1), convocação das nações (38,4-9; 38,16; 39,2-6), vinda do inimigo à terra de Israel (38,8-13; 38,18), resto de Israel (38,8. 14-16; 39,9), juízo divino (38,8.19.22; 39,5.8.21), castigo do inimigo (38,21s; 39,9-20), fenômenos cósmicos (38,19-22), nova ordem cósmica (38,16.23; 39,21-22). Nas escatologias proféticas o julgamento divino contra as nações inimigas serve de preparação para instaurar a nova ordem escatológica.

Segundo G. Fohrer[4], o termo "escatológico" aplica-se, de modo geral, ao mesmo grupo de escritos que são chamados apocalípticos. Escatologia significa "as últimas coisas" e refere-se mais ao tema abordado ou ao conteúdo informativo de um tratado. Apocalíptica, por sua vez, designa mais as técnicas literárias, as imagens usadas e se caracteriza pela reivindicação de uma origem divina, enquanto se apresenta como revelação. A apocalíptica seria uma forma mais recente e mais moderna de escatologia, do tipo encontrado em Zacarias. Há muito de comum, por exemplo, entre a escatologia de Is 24–27 e a escatologia de escritores apocalípticos; alguns até chamam esse texto de pequeno apocalipse[5].

Fohrer enumera onze elementos estruturais escatológicos que se tornaram relevantes na apocalíptica:

- No Segundo Isaías (Is 40–55) a punição é para os pecados presentes, mas ainda sem o dualismo da apocalíptica.
- No Segundo Isaías a nova era está próxima.
- Em Jl 2 há uma catástrofe cósmica, adaptando o tema do "inimigo do Norte" de Jr 4–6.
- No Segundo Isaías a salvação se deve unicamente à iniciativa de Deus, mas em Zc 1,3 o arrependimento do homem é parcialmente responsável.
- O mundo transformado pode ser de tipo nacionalista ou universalista.
- Em nenhum caso temos propriamente um "fim de mundo", mas um desenvolvimento dentro da história, como em Zc 9,10; 12–14.
- Trata-se de uma restauração do que precedeu, ou de uma renovação, especificamente de Jerusalém (Zc 2,5s).
- O bem esperado é eterno, mas não do outro mundo, à exceção da Sabedoria de Salomão.
- O "Resto", que para os profetas precedentes indicava pessoas sem importância e que assim podia escapar das invasões, agora torna-se uma orgulhosa designação dos que partilham a felicidade de Jerusalém.
- A restauração é compatível com os vários tipos de governo.

Quanto à origem da escatologia há autores que a fazem depender de mitos babilônicos ou do masdeísmo. Outros, porém, buscam essa origem dentro da tradição bíblica[6]. Mowinckel põe a origem numa possível festa da entronização de Javé. Embora o tema da soberania escatológica de Javé seja um tema pré-exílico (Sf 2,8-11; 3,15; Mq 2,12-13; 4,6-8), é na época exílica e pós-exílica que se aviva a idéia da realeza de Deus. Após o exílio seria instaurada a teocracia definitiva. Essa soberania de Javé viria depois do combate escatológico (cf. Zc 14,16).

As festas de Israel deram, sem dúvida, um impulso à esperança escatológica. O culto não só recorda um primeiro encontro histórico com Deus, mas o faz presente. Atualiza novamente a soberania de Deus, antecipando a perfeita realeza do futuro. O

2. BERTOMEU, Vicente Collado. *Escatologías de los profetas. Estudio literario comparativo*. Valencia, 1972. As discussões sobre o conceito de escatologia profética podemos encontrar também na tese de doutorado de Maria de Lourdes CORRÊA LIMA, *Salvação entre juízo, conversão e graça. A perspectiva escatológica de Os 14,2-9*. Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1998, p. 15-62.

3. Cf. Is 24–27; 34–35; 65–66; Jl 3–4; Mq 4–5; Zc 14.

4. FORHRER, Georg. Da profecia à apocalíptica via Zacarias. *In*: *Profetismo. Coletânea de estudos*. São Leopoldo, Ed. Sinodal, p. 213-215.

5. ROWLEY, H.H. *A importância da literatura apocalíptica*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1980, p. 24-25.

6. Sobre esta questão veja Silverio ZEDDA, *L'escatologia biblica*. p. 39-43.

culto serve, assim, de mediação entre o tempo antigo e o final, entre o fato passado da salvação e a salvação futura.

A esperança escatológica de Israel está relacionada com a soberania de Deus, com a instituição da monarquia e o messianismo a ela ligado e com os fatos históricos das intervenções divinas que os conduzem. As intervenções divinas fazem parte do tema do juízo, isto é, do dia de Javé[7]. Os profetas, a partir de Amós (6,9-14), anunciam o dia de Javé não como punição dos povos estrangeiros mas como julgamento e castigo do próprio povo.

O que é apocalíptica?

Quando os autores falam sobre apocalíptica seguem duas tendências: Uns tentam definir o que seja apocalíptica, enquanto outros preferem descrevê-la, apontando suas características. Ph. Vielhauer, por exemplo, define a apocalíptica como "o gênero literário dos escritos de revelação que desvela os segredos do além, especialmente os do fim dos tempos, junto com a cosmovisão e as concepções em geral, provenientes de tal gênero"[8]. A. Díez Macho vê a apocalíptica como "literatura de revelação... feita a um ser humano por meio de um agente de outro mundo. O objeto de tal revelação são verdades inacessíveis ao homem, mas que lhe dizem respeito; verdades que se referem principalmente à escatologia individual ou coletiva, humana ou cósmica, e que afetam a este mundo ou ao outro"[9]. Quanto à forma e ao conteúdo, John J. Collins define o apocalipse como "um gênero de literatura de revelação com uma estrutura narrativa, no qual a revelação para o receptor humano é intermediada por um ser do outro mundo, desvendando uma realidade que é temporal, enquanto visa uma salvação escatológica, e espacial, enquanto envolve um outro mundo, o sobrenatural"[10]. Um apocalipse visa à interpretação do presente, as circunstâncias terrenas à luz do mundo sobrenatural e do futuro. Apelando para a autoridade divina, quer influenciar tanto a compreensão como o comportamento dos ouvintes.

Como exemplos desse gênero apocalíptico citam-se livros como Daniel, 1Enoc, 2Enoc, 2Baruc, 3Baruc, 4Esdras, Apocalipse de Abraão, Testamento de Levi 2–5, Apocalipse de Sofonias, Hermas, Apocalipse de Pedro, Apocalipse de João. Admite-se que haja produções literárias anteriores à época intertestamentária, e mesmo anterior, que podem ter a forma de apocalipse sem ter idéias apocalípticas e vice-versa.

7. Cf. ZEDDA, p. 43.

8. PIÑERO, Antonio. *La apocaliptica dentro de la literatura intertestamentaria. In: II Simposio biblico español*, editado por V. Collado-Bartomeu y V. Vilar-Hueso. Valencia-Córdoba: Fundación Bíblica española, 1987, p. 591.

9. Cf. PIÑERO, *op. cit.*, p. 592.

10. COLLINS, John J. The Morphology of a Genre, *in*: *Semeia* 14, Missoula, 1979, p. 9, citado por Jean-Pierre PRÉVOST, *L'Apocalypse* (Lectio Divina, n. 163, p. 441).

Características da apocalíptica

Seguindo o exposto por Piñero[11], entre as características específicas da apocalíptica podemos citar as seguintes:

- existência de uma revelação divina;
- comunicação por um meio extraordinário, que pode ser uma visão, um sonho ou um intermediário celeste;
- revelação que diz respeito a acontecimentos futuros, mas cuja realização está relativamente próxima;
- No que se refere à língua, o gênero apocalíptico se caracteriza por abundantes repetições, longos discursos, prevalência de listas e enumerações, uso do simbolismo dos números e de imagens à base de animais.
- No que se refere à estrutura, o gênero apocalíptico costuma esconder o verdadeiro autor, atribuindo a revelação a um personagem ilustre do passado. Tem a intenção de se dirigir a um círculo esotérico, desejando ao mesmo tempo atingir publicidade do escrito. Recorre também ao uso da seqüência de impérios para mostrar que há uma ordem preestabelecida, em vista da vinda do reino de Deus no fim dos tempos.
- Na doutrina costumam aparecer os seguintes temas na apocalíptica: Uma espera febril do fim do mundo, concebido como uma catástrofe cósmica; divisão do tempo do mundo em períodos; existência de muitos anjos e demônios; concepção dualista da história que implica na destruição final dos reinos terrenos; crença no messias, como garantia da redenção para os justos; salvação paradisíaca e glória como estado final do homem. A nível doutrinal convém mencionar também um certo otimismo que perpassa os escritos apocalípticos, no que eles se assemelham à esperança escatológica dos profetas. Os escritos apocalípticos não se contentam em constatar o fracasso do plano divino. Querem mostrar que, no final dos tempos, Deus triunfará sobre as forças do mal no mundo[12]. Em meio aos conflitos e ameaças apontam para uma esperança de salvação. Pois, se "a esperança profética é a esperança na ação, a esperança apocalíptica é a esperança no perigo; uma esperança que sabe perseverar e ter paciência porque possui a capacidade de suportar o sofrimento: aconteça o que acontecer, no fim está Deus"[13].

11. PIÑERO, Antonio. *La apocalíptica dentro de la literatura intertestamentaria*, p. 592-593. Veja também: ROWLEY, H.H. *A importância da literatura apocalíptica*, p. 13-14; DELCOR, M. *El Dios de los Apocalípticos*, p. 51-70; SCHMIDT, Werner H. *Alttestamentlicher Glaube und seine Umwelt*, p. 225-227; CROATTO, J. Severino. Apocalíptica e esperança dos oprimidos. Contexto sócio-político e cultural do gênero apocalíptico. *In*: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana*, 7, 1990/3, p. 8-21.

12. DELCOR, M., *El Dios de los Apocalípticos*, p. 55.

13. MOLTMANN, Jürgen. No fim – está Deus, *in*: *Concilium*, n. 277, 1988/4, p. 139.

A invasão e derrota de Gog (Ez 38–39), um texto apocalíptico de Ezequiel?

Segundo J.M. Schmidt (p. 226), a apocalíptica já aparece inteiramente desabrochada no livro de Ezequiel, embora se desenvolva somente a partir do livro de Daniel. Também L. Dürr (1923) já colocava Ezequiel decididamente na apocalíptica. Para ele, somente admitindo que as passagens apocalípticas mais importantes do livro sejam interpolações posteriores é que Ezequiel deixaria de ser o "pai da apocalíptica".

De fato, um dos motivos para duvidar da autenticidade de alguns textos de Ezequiel é o seu maior ou menor colorido apocalíptico. É o que se pode constatar nas discussões dos últimos cem anos sobre Ez 38–39[14]. Antes de 1900, por exemplo, o texto era atribuído a Ezequiel e considerado do período do exílio de Judá na Babilônia. Depois foi considerado texto espúrio e era situado no período grego (Alexandre Magno) ou até no período dos Macabeus. Outros estudos e comentários mais recentes de G. Fohrer, John W. Wevers e W. Zimmerli são mais modestos e admitem que ao menos um núcleo possa ser do profeta Ezequiel.

Nos últimos vinte anos, porém, não só a questão da autenticidade de Ez 38–39 mas do livro de Ezequiel como um todo tem sido recolocada com veemência[15]. O livro atual de Ezequiel teria surgido como um pseudo-epígrafo na primeira terça parte do séc. V aC, como novos acréscimos e reelaborações que se prolongaram até o ano 300 aC. Seria uma "obra literária", elaborada pela comunidade exílica da Babilônia (golá), baseando-se num texto anterior. O livro, portanto, não seria o resíduo de uma tradição profética autêntica, mas uma forma consciente de literatura de reflexão teológica com a finalidade de avaliar ideologicamente a catástrofe de 587 aC (Feist, p. 189). Para alguns autores, os constantes traços característicos da apocalíptica, perceptíveis em Ezequiel, seriam indício de uma redação tardia do livro.

Inegavelmente o livro de Ezequiel pode ser lido com o fundo da literatura apocalíptica[16]. Não faltam características da literatura apocalíptica: O livro está voltado continuamente para a "revelação celeste". É sempre Javé que fala em primeira pessoa, até mesmo para comunicar as emoções do próprio profeta (Ez 12,18; 24,17) ou aquilo que ele sabe por outras fontes (Ez 8–11). É Javé que conduz o profeta e toma as iniciativas. A presença de visões, audições e arrebatamentos são técnicas constantes. A introdução de seres celestes mostra um interesse rudimentar pela angelologia. Até a figura do anjo celeste, própria da apocalíptica, está presente. Mas esses traços apocalípticos, ou melhor, proto-apocalípticos, por si sós, não são argumento suficiente para negar uma relação com Ezequiel e sua escola, para atribuí-los a um redator pós-exílico tardio. É o que veremos mais abaixo.

14. BLOCK, Daniel I. Gog and the pouring out of the Spirit. *In*: *Vetus Testamentum*, 17, 1987, p. 257-270.

15. FEIST, Udo von. *Ezechiel. Das literarische Problem des Buches forschungsgeschichtlich betracht.* Stuttgart-Berlin-Köln: Verlag W. Kohlhammer, 1995. Ez 38–39 seria "um texto apocalíptico escrito muito tempo depois de Ezequiel" (cf. Joseph BLENKINSOPP, *Storia della profezia in Israele*. Brescia: Queriniana, 1997, p. 218-219).

16. FEIST, Udo von. *Ezechiel*, p. 217-223.

O crescimento do texto de Ez 38–39

Conscientes das discussões acima, assumimos as posições mais moderadas de G. Fohrer, W. Zimmerli e outros, que procuram salvar a autoria de boa parte dos oráculos de Ezequiel, sem negar que houve um intenso trabalho redacional atribuível à "escola" do Profeta. A seguir analisaremos os aspectos proto-apocalípticos, especialmente da perícope de Gog (Ez 38–39). Veremos que esse texto pode ser basicamente atribuído a Ezequiel, embora tenha sofrido acréscimos e reelaborações por parte de seus discípulos.

Como vimos, o oráculo sobre Gog tem sido objeto de muita discussão nos estudos dos últimos cem anos. O texto pode ser dividido[17] em quatro unidades de discurso: 38,1-13.14-23; 39,1-16.17-29. Cada unidade inicia-se com uma ordem divina ao Profeta para falar. Nas três primeiras unidades as palavras são dirigidas a Gog e na quarta unidade os destinatários são as aves e os animais selvagens. Essa última unidade conclui-se propriamente em 39,20. Os v. 21-29 seriam uma expansão final do oráculo de Gog. Nessa expansão, os v. 21-22 ainda teriam alguma relação com o oráculo precedente, que os v. 23-29 aparentemente abandonam, retornando a alguns temas básicos da mensagem do Profeta. Segundo Zimmerli[18] e Daniel I. Block[19], no contexto atual, Ez 39,21-29 serve de conclusão para todo o oráculo de Gog, que por sua vez conclui a mensagem de esperança e restauração de Ezequiel.

As opiniões sobre a complexa formação de Ez 38–39 são divergentes. W. Eichrodt[20] considera como pertencentes ao oráculo original de Gog, Ez 38,1-23 e 39,17-24. Zimmerli, após discutir longamente a formação do oráculo de Gog, conclui que à forma original da perícope pertenceriam somente Ez 38,1-9; 39,1-5.17-20, texto anterior à conquista da Babilônia por Ciro, em 539 aC. O restante seriam acréscimos e expansões da profecia original de Gog, produzidas por várias mãos, de diferentes períodos da "escola" de Ezequiel:

- Ez 38,10-13: O texto pertenceria ao tempo em torno de 520 (reconstrução do segundo templo), ou pouco depois, e se aproxima de Zc 2,5-9.
- Ez 38,14-23: O texto, com nova introdução dirigindo-se ao profeta como "Filho do Homem", contém três novos acréscimos. O primeiro (v. 14-16) é uma reflexão em forma de pergunta, que recapitula 38,1-9. Há algumas diferenças: Se em 38,8-9 as referências a Israel e à sua terra estão em terceira pessoa, aqui Israel é chamado "meu povo" (v. 14) e habita na "minha terra" (v. 16). O ataque de Gog contra Israel acontecerá "no fim dos tempos" (v. 16) em vez de "daqui a muitos anos" (v. 8). O segundo acrés-

17. ZIMMERLI, Walter. *Ezechiel*, II, p. 933-975.

18. *Ezechiel*, II, p. 968-973.

19. BLOCK, Daniel I. Gog and the Pouring out of the Spirit. Reflections on Ezekiel 39,21-29. *In*: *Vetus Testamentum*, 37, 1987, p. 257-270.

20. EICHRODT, Walter. Der Prophet Hesekiel. ATD, 22. Göttingen: Vandenhoeck – Ruprecht, 1966, p. 358-372.

BIBLIOTECA
Frei Capuchinhos

cimo (v. 17) retorna ao que já foi dito no texto original, dizendo que com a vinda de Gog se cumprirá o que "meus servos, os profetas" antes profetizaram, formulação deuteronomística que somente aqui ocorre. Na seqüência (v. 18-23), um novo acréscimo retoma a segunda estrofe do texto-base (39,1-5), mas considera o juízo divino como um evento cósmico.

– Ez 39,6-16: Neste texto temos vários acréscimos explicativos à segunda estrofe do texto-base (39,1-5). Nos v. 6-8 percebe-se a mesma mão que introduziu 38,14-16, preocupada com a auto-glorificação de Javé e com o "meu povo, Israel". Nos v. 9-16 há uma explicitação das conseqüências do juízo divino, a exemplo de 38,18-23; mas a ação de ajuntar e queimar as armas de Gog e de enterrar seus mortos de certa forma contradiz a terceira estrofe do texto-base (39,17-20), que reserva os mortos para o banquete dos animais.

– Ez 39,21-29: Aqui temos a última expansão da terceira estrofe (39,17-20). Os v. 21-22 ainda se referem à perícope de Gog, reafirmando a vitória de Javé sobre Gog como manifestação de sua glória entre as nações e o seu reconhecimento no meio de Israel. Nos v. 23-29, a relação com o texto de Gog é menos evidente. Este texto apresenta uma síntese final e retrospectiva de todo o anúncio de Ezequiel e relembra as razões das punições divinas a Israel e as promessas de restauração (cf. 28,25-26; 36,16-28; 37,14). Alguns autores querem ver nos v. 23-29 a conclusão original dos caps. 34–37, anterior à introdução da perícope de Gog[21]. Zimmerli[22] prefere considerá-los como mero acréscimo a 39,21-22. No atual contexto, parece melhor considerar os v. 21-29 como uma conclusão para o oráculo de Gog que, por sua vez, conclui a mensagem de esperança e restauração de Ezequiel[23].

Que grupo social produziu o texto proto-apocalíptico de Ez 38–39?

A teoria tradicional coloca a origem da apocalíptica em grupos marginalizados, alienados ou ao menos privados das coisas essenciais para sua subsistência. Os grupos apocalípticos surgiriam normalmente de uma forma de protesto, e às vezes de resistência, contra um sistema opressor, centralizador do poder, ideologicamente discriminador, religiosamente monopólico, que de fato discrimina[24]. Stephen L. Cook, em recente estudo monográfico[25], contesta essa teoria. O autor parte de um estudo socioantropológico de grupos que adotam o ideário apocalíptico, por ele chamados milenaristas. Depois, com uma compreensão mais clara do que seja o apocalipticismo, passa a criticar a teoria da marginalidade (*deprivation theory*), para apresentar uma visão mais crítica das origens do milenarismo, como a religião do oprimido (p. 19-20). E conclui essa primeira parte de seu estudo com a tese: "A evidência sociológica mostra que sacerdotes podem formar a liderança de grupos milenaristas e que as funções do culto podem constituir uma parte crucial do programa de um grupo milenarista" (p. 83). Baseado em sua análise sociológica de grupos milenaristas/apocalípticos, o autor testa os resultados pelo estudo histórico-crítico e redacional de três textos considerados proto-apocalípticos: Ez 38–39, Zc 1–8 e Jl 2,1-11; 3–4. Aqui nos interessam os resultados de seu estudo de Ez 38–39.

Cook contesta os autores que negam a possibilidade de Ezequiel, um sacerdote central, ter uma cosmovisão apocalíptica. Baseado em análises histórico-críticas recentes, com Zimmerli e outros autores, vê em Ez 38–39 um núcleo atribuível ao próprio Profeta, que depois foi expandido dentro da escola sadoquita de Ezequiel (p. 87). De fato, há uma continuidade entre Ez 38–39 e o resto do livro, pois ao menos 42 expressões e palavras típicas do Ezequiel ocorrem em outras partes do livro. Isso mostra que a perícope de Gog pertence claramente à corrente principal da tradição sacerdotal do Profeta[26]. Ez 38–39 tem a função de mostrar o reverso da destruição de Israel em 587, anunciada mas ainda não confirmada em Ez 34–37. É próprio de grupos milenaristas "acreditar que o milênio será precedido por uma batalha final escatológica, diferente das batalhas precedentes deste mundo. O grupo de Ezequiel, que era milenarista quando a profecia de Gog era escrita, chegou também a uma crença semelhante" (Cook, p. 105). Além do mais, a profecia de Gog está em harmonia com anúncios precedentes de Ezequiel, nos quais se anunciava que o povo seria restaurado e viveria "em segurança" (comparar Ez 38,8.11.14 com Ez 28,26; 34,25.28), seria reunido dentre os povos onde fora disperso (20,34) e que assim Javé demonstraria sua santidade entre as nações (20,41).

Indício forte de que foi a mão do sacerdócio central de Jerusalém que produziu Ez 38–39 é a ligação deste texto com a "Lei de Santidade" (Lv 17–26) e com a teologia de Sião. Esta teologia foi provavelmente levada para a Babilônia pelo grupo de Ezequiel. Segundo a teologia de Sião (cf. Is 14,25; Sl 46,8-10), Javé esmaga os inimigos que se insurgem contra Jerusalém/Sião. Ezequiel é herdeiro também dessa teologia central. Ele afirma que Javé escolheu Jerusalém (cf. caps. 16 e 23) e a colocou no cen-

21. De fato, a história do texto de Ez 34–39.40–48 é bastante complexa. O papiro 967 do séc. III dC tem a seguinte ordem do texto: Ez 36,1-23 continua diretamente em Ez 38–39, com o julgamento divino de Gog. Em seguida vem 37,1-14 e por fim Ez 40–48. Sintomaticamente no papiro 967 falta Ez 36,23b-38. Segundo J. Lust este texto seria um acréscimo introduzido como transição entre Ez 36 e 37. K.J. Pohlmann considera Ez 37,1-14 como a conclusão original do livro, após 36,1-15. O livro de Ezequiel teria ganho sua ordem atual somente com a inclusão de Ez 36,16-23a.23b-38 e Ez 38–39. Com isso, o texto de Ez 37 foi deslocado de seu lugar original e depois, com a ampliação de Ez 37,15-28, serviu de transição para Ez 40–48 (cf. WAHL, Harold Martin. "Zur Wiederhersthellung Israels nach Ez 37", *in*: *Vetus Testamentum*, 49, 1999, p. 234).

22. *Ezechiel II*, p. 970-971.

23. BLOCK, Daniel I., *art. cit.*, p. 261.

24. CROATTO, *art. cit.*, p. 11.

25. COOK, Stephen L. *Prophecy and Apocalypticism. The postexilic social setting*. Minneapolis: Fortress Press, 1995.

26. COOK, Stephen L., p. 96-103.

tro, no meio dos povos (5,5). Prometeu que, no futuro, tornará a aceitar o culto de seu povo em Jerusalém, "no meu monte santo, no alto monte de Israel" (20,40). Na perícope de Gog essa teologia central reaparece nas expressões "montes de Israel" (Ez 38,8; 39,4) e "umbigo da terra" (38,12)[27]. Assim, Ez 38–39 atualiza a teologia de Sião, questionada pelo exílio, projetando o ataque dos povos para um evento escatológico contra uma nova Jerusalém. Desta vez, porém, o ataque das nações resultará na sua ruína completa (Cook, p. 107-108).

A urgência em sepultar os cadáveres do exército invasor de Gog e em manter um serviço permanente para o sepultamento dos mortos em geral (39,11-16) é típica do sacerdócio sadoquita, preocupado com pureza da terra (Lv 18,25.28; 17,25; 22,4.7).

Segundo Cook (p. 109), há, portanto, indícios claros de que Ezequiel e seus discípulos, tendo deixado postos centrais em Jerusalém quando exilados, formaram a liderança sadoquita dos israelitas exilados. Embora ocupassem um lugar central na sociedade, deram início à literatura proto-apocalíptica (Ez 38–39) e depois restauraram o templo. Cook classifica o grupo que está por trás desses capítulos como um grupo central, em termos da própria sociedade, mas a sociedade é dominada por outra cultura, isto é, a dominação babilônica e o ataque das nações estrangeiras[28].

O núcleo mais antigo da perícope de Gog (38,1-9; 39,1-5.17-20) é provavelmente do final do ministério de Ezequiel em Babilônia e pode ter sido escrito durante a ascensão de Ciro (555 aC). Nessa fase, o grupo de Ezequiel e Israel como um todo são espectadores passivos da ação divina nos últimos dias.

Radicalização e rotinização no grupo apocalíptico de Ezequiel

Cook chama atenção ao fenômeno da radicalização e da rotinização pela qual grupos milenaristas podem passar, em seu processo de evolução (p. 78-81), de acordo com as mudanças sofridas pelo ambiente social em que vivem. "A radicalização de um grupo milenarista acontece quando, em resposta aos acontecimentos, as expectativas apocalípticas de seus membros tornam-se mais fervorosas do que no início e quando seu programa parcial é alterado de modo a separar, cada vez mais, as atividades do grupo das rotinas concretas do dia-a-dia da existência social" (p. 79). Por sua vez, "a rotinização do grupo milenarista acontece quando sua cosmovisão torna-se mais concreta

27. O mito do "umbigo da terra", isto é, a idéia de considerar o próprio país como o centro do mundo é comum a diversos povos. Os chineses ainda hoje falam de seu país como o centro do mundo, idéia que está expressa nos próprios ideogramas do nome "China". Assim também os antigos gregos viam no santuário de Apolo de Delfos o centro do mundo. Os romanos, por sua vez, faziam partir as estradas para todo o mundo do "umbilicus mundi" do Forum Romano. Da mesma forma, o povo israelita, especialmente após a centralização do culto em Jerusalém operada por Josias (641-609 aC), considerava Jerusalém como o centro do mundo. Mas a idéia já ocorre em Jz 9,37, onde o "umbigo da terra" se refere à montanha junto a Siquém (cf. TERRIEN, S. The Omphalos myth and Hebrew Religion. *In*: *Vetus Testamentum*, 20, 1970, p. 315-338; WRIGHT, G.R.H. The mythology of pre-israelite Shechem. *In*: *Vetus Testamentum*, 20, 1970, p. 75-82).

28. COOK, Stephen L., p. 57 e 110.

do que antes, e quando seu programa é alterado de tal modo que as atividades do grupo assumem um caráter mais rotineiro, permitindo que elas se tornem sustentáveis durante um período de tempo mais longo ou indefinido" (p. 78). No crescimento do texto de Ez 38–39 há indícios de uma tal radicalização e rotinização pela qual passou o grupo milenarista de Ezequiel (Cook, p. 112-121). No acréscimo de Ez 38,17-23, onde se fala em linguagem escatológica da dissolução do cosmo por ocasião da destruição de Gog, percebe-se uma radicalização da linguagem que corresponde à radicalização do grupo de Ezequiel. Mas os discípulos de Ezequiel, responsáveis por esse acréscimo, devem ser ainda caracterizados como sacerdotes centrais, pois o texto está relacionado com o resto do livro. Ez 38,17-23 está relacionado com 39,11-16. Esses dois acréscimos iniciam-se com a expressão "naquele dia" (38,18; 39,11) e são expansão radicalizante, produzida por sacerdotes centrais. O acréscimo de 39,11-16, onde se descreve a preocupação sacerdotal com o sepultamento da multidão de Gog, radicaliza os motivos apocalípticos da perícope de Gog. Por exemplo, a afirmação de que serão necessários sete meses para sepultar Gog (39,12) radicaliza o motivo da multidão. Gog aparece como algo gigantesco. Esses dois acréscimos provavelmente ocorreram no período de incerteza pelo final do exílio, quando um retorno atual a Israel se tornou viável. Há quem sugira o período por volta de 520 aC como uma possível data alternativa da composição de Ez 38–39 como um todo[29]. Assim, segundo Cook, no período de 539-520 aC, o grupo de Ezequiel se encontra numa situação sociológica única, madura para uma radicalização de suas esperanças escatológicas. De fato, as circunstâncias do retorno do grupo de Sasabassar, em 538 aC, e o programa de restauração pareciam nebulosas. Para o grupo de Ezequiel o poder de Deus não parecia estar confirmado diante das nações com a restauração parcial executada por homens, bem aquém das expectativas. O templo e as cidades estavam ainda em ruínas. O novo templo podia ser reconstruído, mas, sem uma intervenção divina, os sadoquitas deviam contentar-se com muito menos do que as grandiosas estruturas descritas em Ez 40–48. Ora, esse grupo sadoquita de Ezequiel estava entre os que tinham o comando da sociedade pós-exílica e receberam dos persas o encargo da restauração. No início do período persa, esse grupo sentiu que os seus sonhos de restauração podiam tornar-se realidade. Mas a posição central que ocupavam colocou-os num conflito interno e na radicalização. Sonhava com a realização das promessas de Ez 34–37 e, ao mesmo tempo, temia que elas não se cumprissem. Assim, com o aumento da tensão, o grupo entrou numa radicalização das expectativas milenaristas, segundo foi visto nos acréscimos de 38,17-23 e 39,11-16.

A rotinização do grupo milenarista, como visto acima, acontece quando sua cosmovisão torna-se mais concreta, mais "pé-no-chão" do que no início, e quando suas atividades são atenuadas para poderem ser sustentadas indefinidamente. Segundo

29. HALS, Ronald. *Ezekiel*, 1989, p. 284. *In*: Cook, p. 115.

Cook, o acréscimo de Ez 39,21-29 representa a evidência literária de uma tal rotinização dentro do grupo milenarista de Ezequiel. Esse apêndice conhece bem Ez 38–39 e pressupõe suas seções. Serve de conclusão para a perícope de Gog e para os capítulos precedentes de Ezequiel. O texto traz de volta para a situação concreta, para o tempo real do exílio ("agora vou mudar a sorte de Israel": 39,25), empurrando a perspectiva da invasão de Gog para um futuro mais distante. Esse retorno ao tempo presente mostra que os escritores perderam algo de seu fervor apocalíptico. Por isso colocam os oráculos de Gog dentro da mensagem profética geral de Ezequiel e se interessam no reavivamento das relações da aliança (39,28-29). O lugar social de Ez 39,21-29 seria puramente literário: "Membros da escola de Ezequiel engajaram-se numa atividade literária com a finalidade de produzir uma edição coerente do livro de Ezequiel. Desenvolvendo um estudo literário e teológico de Ezequiel, especialmente dos caps. 34, 36 e 37, os redatores acrescentaram um apêndice ao texto de Gog que resume os capítulos precedentes de Ezequiel e, ao mesmo tempo, serve para melhorar o nível de incorporação de Ez 38–39 dentro do livro de Ezequiel como um todo" (Cook, p. 121).

Conclusão

Em nosso estudo vimos que Ez 38–39 pode ser classificado como uma escatologia profética. Por outro lado, não faltam traços literários próprios da literatura apocalíptica subseqüente. Por trás do desenvolvimento desse texto está Ezequiel e o seu grupo, representando o sacerdócio sadoquita. Este grupo tinha uma mentalidade apocalíptica ou milenarista, que passou por uma fase de radicalização de suas expectativas quando a realidade da restauração no início do pós-exílio estava aquém de seus projetos do novo templo sonhados em Ez 40–48. Em seguida, esse mesmo grupo, dominante em sua sociedade mas dominado pelos persas, chegou a uma rotinização de suas expectativas milenaristas, que se conformam com a realidade concreta. Nessa fase da rotinização, o grupo milenarista sadoquita de Ezequiel foi responsável por dar a Ez 38–39 o caráter de conclusão dos caps. 34, 36 e 37 e melhorar o nível de incorporação no livro de Ezequiel como um todo. Nesse sentido, com razão Marco Nobile[30] admite que Ez 38–39 junto com 40–48 exercem uma função particular na redação final do livro de Ezequiel. Por trás da redação final teríamos um esquema tripartido de fundação cultual, assim delineado: Primeiro ato: teofania e mensagem divina (Ez 1–3); segundo ato: luta e execução do juízo divino contra os adversários, representados pelos pecados do seu povo e dos povos estrangeiros (Ez 4–24 + 25–32); terceiro ato: fundação do templo e instauração do culto.

30. NOBILE, Marco. Ez 38–39 ed Ez 40–48; I due aspetti complementari del culmine di uno schema cultuale di fondazione. *In*: *Antonianum*, 62, 1987, p. 141-171.

Dentro desse esquema, Ez 38–39 representaria o clímax da luta de Deus contra os adversários e Ez 40–48, a contrapartida positiva, apresentando o novo templo e a sua Torah[31].

Levando em conta o estudo de Stephen L. Cook sobre Ez 38–39, Zc 1–8 e Jl 2,1-11+3–4, parece que não se pode mais generalizar a tese da origem da apocalíptica no meio de grupos oprimidos, ideológica e religiosamente discriminados. Mesmo que se lhe objete lembrando a dominação persa, os responsáveis pelos textos estudados por Cook eram dominantes em relação à sua sociedade local.

Ludovico Garmus
Instituto Teológico Franciscano
Caixa Postal 90023
25689-900 Petrópolis, RJ

31. NOBILE, *art. cit.*, p. 142-144.